

AVENÇA



Visado pela
Comissão de Censura

O Gaiato



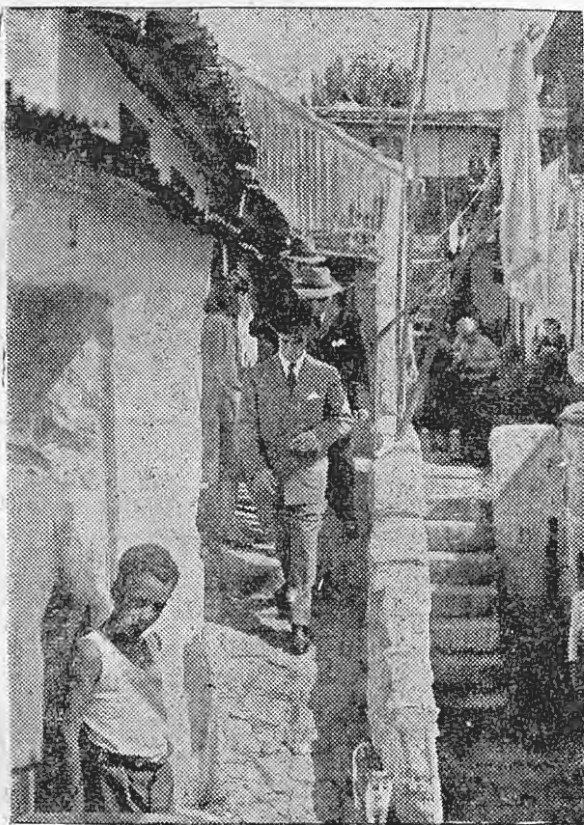
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII • N.º 302 • PREÇO 1\$00

HOMENS DO GOVERNO

A hora em que escrevo, não tenho ainda em meu poder, mas espero que venha a tempo. Temos mandado recado a toda a

Deus o não há-de amar! Por causa de uma tal ascensão, soltou-se a língua dos jornalistas, que nos jornais do dia, todos os jornais, fala-

gente. Trata-se de uma fotografia publicada nos jornais daquela hora, onde aparece o Senhor Engenheiro Arantes e Oliveira a visitar as «ilhas» e «barredos» da cidade do Porto. Não há como «O Gaiato» para dar a notícia e reproduzir a estampa do *Inédito*. Os cem mil homens que todas as quinzenas suspiram pela sua chegada nas cinco partes do mundo, vão hoje dizer sim, sim, sim.



O Eng. Sr. Arantes e Oliveira, Ministro das Obras Públicas.

Um Ministro da Nação em viagem oficial, sobe aos Pobres! Talvez haja descido naquela hora aos sítios mais baixos da cidade, mas isso não importa. Por isso mesmo é que subiu. Não há hoje um português que não pense desta maneira. Subiu. Inteiro se. Sentiu. Amou. Foi o primeiro. Antes dele nenhum. Como

te sobre o Douro) vai-se dar começo ao *Importante*. Já não são os relatórios. Já não é a promessa. Acabaram-se as doces falas. Hoje é o Ministro, é a Câmara, são as Forças, é o Povo. Tudo isto — mais os gemidos silenciosos de milhares de Inocentes, e estes é que são.

ram sem medo do *deshumano*: mais de vinte mil vivendas indecentes, com noventa mil condenados lá dentro. Estes algarismos não se inventaram na *ocasião*. Constavam. Sabia-se disto e de muito mais... Então quê? Surgiam sempre coisas mais sérias e mais urgentes. Os *Humildes* ficavam.

Agora, porém, abre-se uma nova era! A par das coisas importantes (a pon-

A Voz do Atlântico

Por Padre Elias

ESTAMOS a trabalhar presentemente, ainda na cidade de Ponta Delgada e com meio cento de garotos. No fim do verão, devemos abandonar a cidade, trocando-a pela tranquilidade duma quinta grande, que a Providência guardou para nós, a nove quilómetros da capital da Ilha de S. Miguel. Uma vez lá definitivamente estabelecidos, poderemos abrir mais um nadinha a mão, acolhendo mais uma dúzia, dos muitos rapazes que estão à nossa espera.

Falaram-me há dias, de uma família de cinco, que mora numa fuma da mata da doca. Disse-ram-me que só à noite os poderia encontrar e eu fui por entre as onze e a meia-noite. Era uma destas noites de vento frio e de chuva miudinha, mas nem por isso desisti. Fui. Atravessei a cidade de ponta a ponta à hora em que os cinemas deitavam para a rua.

—Você é que é fulano? Para onde vai a estas horas?

—Vou na minha vida. Falaram-me de cordeirinhos perdidos e eu vou vê-los.

—Dá-me licença que o acompanhe?

—Eu vou para a mata da doca; não sei se terei de subir a rocha, depois a noite vai bastante avançada, faz frio; venha se quiser.

O meu entrevistador estremeceu, olhou para um lado e para o outro, consultou o relógio de bolso e decidiu-se a acompanhar-me. «Para onde irá que eu não possa ir?» Fomos. Eu seguia em silêncio e o meu companheiro da mesma forma. Quando já tínhamos um bom quarto de hora, o meu amigo cortou o silêncio: «Não há direito nenhum. Numa terra tão rica como esta não deveria haver miséria como há. Ainda ontem encontrei três crianças na Calheta a comer cascas do melancia. Numa terra onde corre leite e mel, isto é uma vergonha. É preciso que os senhores digam sempre e sem medo. É preciso deitar a mão na chaga, e para esta qualidade de doenças, os sacerdotes é que são os médicos. Isto de fazer do sa-

cerdício um ganha pão, como qualquer funcionário na sua vida, não pode ser.»

Fui ouvindo e gostando sem nada dizer, até que chegámos ao portão da referida mata, que abrimos sem muito custo. Armado de lanterna eléctrica, fui na frente abrindo caminho. Batemos várias furnas. Aqui dorme um velho embriagado que nos responde muitíssimo mal; mais adiante moram três rapazes, entre os doze e os quinze que nos disseram da sua vida e do parador da família que procurávamos. O nosso explorador, meu companheiro, tem a alma a doer e o lenço nos olhos: «Não estou habituado a estas coisas. São cenas demasiadamente fortes para mim. Saber um homem quando vai para a cama, que na mesma hora, estão crianças por aqui a dormir, sem a ninguém dar cuidado. E ainda agora é verão, custa menos. Mas no inverno?...» Ele a dizer e eu a ouvir, chegamos assim à porta da nossa família.

É num antigo campo de futebol, e a morada é na tribuna onde noutros tempos se sentavam os dirigentes a presidir ao jogo. Com o auxílio do meu foco, pudemos ver por entre os buracos das tábuas, uma mãe ainda nova, agarrada a três crianças de pouca idade. Dormiam profundamente como se fosse em cama fofa. O mais novinho, naturalmente ainda de peito, brincava acordado, com os cabelos da Mãe.

Demorámo-nos ali assim durante muito tempo, falando em boca pequena, para não espantar o sono e depois viémo-nos pelo mesmo caminho. Quando chegamos ao portão o meu companheiro quiz sentar-se para descansar: «Estou estarecido, meu bom amigo e não pode calcular o que sinto. Nem eu sei bem o que tenho. Nunca imaginei, quando saí de casa para o cinema, que teria de ver hoje uma fita assim. Confesso-lhe que não prestava para a sua vida. Depois de muitas cenas destas, tenho a certeza de que iria parar ao manicómio. Isto é inacreditável num meio como o nosso.»

É como a madrugada ia já muito alta, despedimo-nos, eu tomei o lado norte da cidade, ele o lado oposto e fomo-nos.

Na manhã do outro dia, muito cedo ainda, sinto o telefone e era ele. «Não consegui dormir nada, nem deixei a minha mulher dormir. Se conseguir arranjar um quarto para aqueles desgraçados, saiba que eu pago tudo. Tenho sempre na ideia aquele quadro.»

Arranjou-se o quarto, fez-se a mudança e hoje o tal senhor tor-

Património dos Pobres

Tendo nós ido por aí além observar alturas das casas em construção, notámos que em alguns sítios há delas prontas a entregar e que isso se não tem feito porque se espera uma determinada pessoa ou determinada ocasião. Ora eu venho aqui dizer que não senhor. A ocasião mais instante é a necessidade de abrigar quanto antes o pobre que tem vivido até aqui nas condições que todos sabemos. Não há nada mais importante. Nada mais urgente. Esta é a verdadeira ocasião. Por consequência, assim como tomo por um erro guardar o dinheiro em caixa à espera da ocasião de construir, também avaliamos da mesma sorte, depois de construída, esperar a ocasião de entregar. Isso fazem os publicanos; temos em nosso poder uma carta dos vicentinos de Loriga que nos pedem com muita urgência auxílio para casas do Pa-

trimónio, dizendo ao mesmo tempo: «o Estado resolveu construir um bairro, que há três anos foi inaugurado com foguetes, música, discursos e que todavia continua fechado, enquanto os que precisam vivem em verdadeiras pocilgas.» Ora nós não. Quem amanhã espera. Não vê, não compreende outro assunto que não seja o de tirar homens de pocilgas e dar-lhes uma vivenda. É precisamente por este amor que nos consome que eu desejo e espero que a notícia de Loriga vá ter aos olhos de quem manda, e que se procure saber a verdade. Entrementes, sim; tomaremos em conta e vamos pôr ao lado dos vicentinos de Loriga.

A Comissão da vila de Paredes trouxe aqui para nós vermos a implantação de 10 moradias. É perto da vila. Terreno bastante

para o quintal. Casas individuais ou quando muito geminadas.

Cada família pode viver em sua casa sem ouvir nem interferir. Pode apresentar-se como modelo. E já estão a construir ali à pressa. Espera-se que depois de construídas sejam entregues imediatamente. Na freguesia próxima de Gondalães, aonde havia uma com um grande *Património dos Pobres* no cunhal, vai-se começar outra.

(Continua na segunda página)

(Continua na terceira página)

AQUI, LISBOA!

Acabo de regressar da derradeira volta pelo Vale Escuro, onde foi outrora a Quinta dos Peixinhos e das Comendadeiras e, depois, um vasadoiro do entulho da capital. As lágrimas e gemidos que ali vimos e ouvimos nestes sete anos!

O novo edificio da Escola Patrio Prazeres, prestes a entrar em actividade, apressou a demolição e dispersão das seiscentas barracas que se amontoavam nas vertentes do vale. Boa medida! Na verdade, nada mais deseducativo, para os olhos dos mil alunos da Escola, que a presença duma cidade prehistórica, teatro constante de combates de guerrilhas, e estendal de chagas sociais.

Restam agora alguns montes de entulho, vários cães vadios e sem dono e gatos esfalmados sem abrigo.

Algumas crianças esgravatam no chão das pocilgas, alguma moeda enterrada. Abordámos as donas de meia dúzia de barracas que esperam a sua vez de marchar.

—Donde é v. tiazinha?

—De Lamego, meu senhor!

—Então foi deixar uma terra tão linda, para vir morrer numa polhice destas?

—É verdade, mas nós lá não tínhamos que comer...

—E não quer voltar para a sua terra?

—Como? Não vê o meu nariz?

Tenho aqui um *cangaro*, já fiz seis operações e ando em tratamento.

Depois, voltar para a fome...

—E v. Tia Maria?

—Entre, venha ver o meu marido. Estou à espera que ele morra e depois vou para onde eles mandarem. Já viemos corridos do bairro da Palma, agora é daqui, depois não sei para onde será...

Aforá os desabafos desta pobre gente, reina silêncio de morte naquele campo de batalha. Dir-se-ia que foi um remédio radical. Uma limpeza! Tudo muito certo, se o problema tivesse sido bem conduzido e ficasse resolvido. Mas não!

Em primeiro lugar, não é duma hora para a outra, que se apaga um pecado original, qual tem sido o abandono da pobreza por essas aldeias do País. *Nós lá não tínhamos que comer...* Depois é a falta de controle na vinda de indesejáveis para a cidade. Alega-se que tal controle seria uma restrição à liberdade humana. Então havemos de deixar cair num poço um cego, só para lhe não coarctar a liberdade? Há-de uma criança disparar contra si uma arma, só porque é livre?

Esta gente infeliz, veio enganada com a miragem da cidade. Grande acto de caridade e decoro social é desfazer a tempo, o engano, e obrigar a retroceder. Antes pobreza lá que miséria por cá.

Finalmente as soluções de emergência que se estão a tomar, por muito cuidado que se tenha, não deixam de ser dolorosas e, por vezes, brutais.

—Tu estás bem, porque tens uma barraca de madeira; tira-la daqui e arma-la em qualquer sítio mas, que vou eu fazer com a minha barraca de pedra?

Assim se queixava diante de nós uma pobre mãe, com o marido tuberculoso e cinco filhos à volta.

Assistimos, por acaso, ao descarregar de cinquenta barracas na

Curraleira. Outras seguiram rumos diversos.

Todos os nossos leitores se lembram do alvoroço infernal que foi a demolição de dez delas, naquele mesmo local. De como um varredor, com sete filhos, recebeu em seus pobres aposentos, o Domingos, tuberculoso, e sua mãe, numa tarde chuvosa... Ontem estavam ali dez a mais; hoje hão-de caber no mesmo sítio, cinquental!

Temos de calar quanto agora ali vimos e ouvimos. Para desabafar, dirigimo-nos para a capela das Irmãs do P.^o Foucaud, que fica de frente.

Uma das Irmãs estava a fazer malha numa máquina que lhe compraram. A outra na capela, em adoração. Está ali uma Força, é o que vale. Deus está com os seus Pobres!

O chão range-nos debaixo dos pés; os castiçais e sacrário tremem em cima do frágil altar. Parece que a barraca se desconjunta e vai por aí abaixo precipitar-se em Chelas. Aqui podemos queixar-nos.

—Senhor, os homens não atinam! Em que abismo deixaram cair estes irmãos. Esta pobre gente não tem educação, nem pudor, nem paz, nem pão, nem abrigo certo. Aos baldões, sem eira nem beira, de beco em curral, que vai ser deles e dos filhos?

Pareceu-nos ouvir de dentro a voz do Mestre: —Educar-lhe os filhos, alojá-los decentemente, alimentá-los e vesti-los—é uma obra de Justiça, de Amor e de Fé. Nem Governo, nem Câmara, nem ninguém. Seremos Nós! Essas forças vêm do Alto, só Eu as posso dar. Eu estou aqui!

—E nós também, Senhor!

P. S.—Depois desta via dolorosa, tivemos conhecimento da visita ministerial às «ilhas» do Porto e de tudo quanto o Estado e a Igreja disseram nessa ocasião. Nova esperança surgiu dentro de nós. A esperança de que um dia caiba também a vez aos Pobres de Lisboa.

PADRE ADRIANO

Património dos Pobres

Continuação da primeira página

O pároco falou comigo e eu falei com ele. Sim. Nas freguesias de Sobrado e S. Martinho do Campo—Valongo o caso está entregue. Andam a trabalhar duas camponesas em cada freguesia.

Já temos delas construídas e famílias abrigadas. É bom que isto se saiba porquanto, em muitos sítios, há a opinião de que sem *senhoras de sociedade* não se pode trabalhar eficazmente em obras sociais da Igreja, e isso não é assim. Não é verdade. Em muitos casos elas estorvam mas é.

Se volvermos os olhos ao Sul, ao coisas vão da mesma maneira e assim é que temos convite para Alcanena e Vila Moreira, aonde se vão entregar nove delas por todo o mês que vem. Eu acho isto um milagre de esforço e muito se deve ter ali trabalhado e colhido quase em lágrimas. Já por ali andei de saca na mão. Posso falar... Sim, não é meu costume mas ali

Do que nós necessitamos

Mais de Paços de Ferreira uma encomenda de roupas e calçado. Mais 20\$ de Moura. Outro tanto da Amadora. Outro tanto de Rosário. De Coimbra 50\$. Da cidade da Beira o cheque de 400\$, subscrição semanal dos empregados da firma Manica Trading. Como se vê em África também há empregados. Empregado tomo eu por aquele homem ou aquela mulher que no fim do mês faz as suas contas e puxa e dá voltas e sente e tem pena de tudo que recebe faz bocadinhos para distribuir ficando quantas vezes

sem nada para si. Pois são estes. São estes na sua maior parte que todas as quinzenas dão beleza e encham esta coluna de Amor. Mais 500\$ de Sá da Bandeira. Mais 180\$ de Porto. Mais 50\$ da Figueira. Mais 50\$ de *uma Mãe amargurada e crente*. Mais 100\$ de Lourenço Marques do Corpo da Guarda Fiscal. Mais 2.000\$ da família V. V. de Lisboa. Mais 50\$ de Coimbra. Mais da Ribeira Brava em cumprimento dum voto. Mais 40\$ de Lisboa. Mais 20\$ do Porto. Mais 200\$ do António. Mais 50\$ do Porto. Mais 70\$ de Lisboa. Mais

Produto da cotização de
20 centavos por semana

1.040\$00

Do Grupo Excursionista
dos amigos dos Gaiatos

De como eu vi e senti as Casas do Gaiato

Eram três horas da tarde do dia 2 de Setembro quando saímos de Paço de Sousa, com rumo a Coimbra. Houve uma pequena modificação no programa, pois em vez de Coimbra seguimos para Miranda do Corvo. Aqui chegámos perto das 19,30.

Fiquei bastante admirado com esta nossa casa: pequena, bonita, muito arvoredo em volta, uvas em todos os campos muito bem respeitadas. Os nossos irmãos de Miranda neste ponto são melhores que os de Paço de Sousa. Depois de ver a quinta (o meu cicerone era o *Fatsca*), fui visitar as oficinas que andam ainda em construção, escola, capela e campo de futebol (muito pobre por sinal).

Entretanto aproxima-se a hora do jantar... e toca a tratar de comer alguma coisa. Foi sopa de arroz com batata, muito bem temperada com um bocadinho de carne. O *conduto* constou de arroz com carne, acompanhado de um *copito* de vinho e estava o jantar

acabado. Descansei um bocado à fresca e fui me deitar. Dormi pouco, estranhei um bocado a cama, mas a manhã chegou. Daí a hora e meia fomos todos à missa dos vicentinos, tendo alguns comungado. Em seguida veio o café e depois seguimos para Coimbra assistir ao casamento dum nosso assistente e grande amigo da Obra. O Pai Américo foi o padrinho da noiva.

As horas vão passando e não há tempo a perder. São 11,30 da manhã e eis-me no Lar de Coimbra. Casa muito geitosa, bastante afastada da cidade, onde os nossos rapazes estão muito contentes.

Depois de tudo ver, desci ao quintal onde há uns bons figos de *pingo-mel*. Comi alguns que me souberam muito bem... A hora do almoço chegou... mas tive que comer à *pressa* porque o Pai Américo queria ir embora e não podia esperar mais. Lá segui para Paço de Sousa levando o *Fatsca* e o irmão do Zé Eduardo.

Eu vim mais o Sr. Padre Adriano pra Lisboa, rumo ao Tojal, onde chegamos às 20 horas. Fui imediatamente visitar a quinta onde predominam muito as laranjeiras. A quinta é bastante grande—onde se gastam uns bons minutos a percorrê-la. Fui depois ver a casa por dentro aonde estão as escolas, a igreja que é muito linda, as camaratas, refeitório, cozinha, chuveiros, etc., etc. Tudo muito limpo e aseado coisa que em Paço de Sousa falha um bocadinho. Passei lá uma noite e dormi muito bem. No dia seguinte, domingo, fomos à missa. Aqui também comungaram alguns rapazes, grandes e pequeninos. Depois fomos tomar o pequeno almoço e acabado este fui tomar a camionete para ir à linda e bela cidade de Lisboa! O

quero ir. Quero ver como se deu o milagre.

...

Finalmente e para todos nós ficarmos a saber de como o movimento cresce, no dia 7 de Setembro escrevia-se uma carta à Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, informando que naquela data eram 62 construídas, além do cento delas que superiormente foram auxiliadas. Vamos pois com um grande avanço. Era agora o momento de um reforço e nós assim o fizemos sentir. Vamos a ver. No fim do ano e por este andar passaremos muito além das 200 casas.

AGORA

PELAS CASAS DO GAIATO

Continuação da quarta página

Ao contrário das mais vezes, que costuma ser no fim, colocamos hoje no princípio, as figuras mais importantes da Procissão. Nem isto nos fica mal. Não temos aqui confrarias, nem irmandades. Não há precedências. Arrumem-se, pois, e deixem passar Marieta e José com 24.000\$00. São do Porto. Mas eles não vão sozinho e aquela soma não é tudo quanto eles dão. Mais importante é o que eles dizem. «Quanto nos consola DAR!» Ora isto é para todos. Esta afirmação é o pro udo duma experiência. Que todos façam, experimentem e sentem necessariamente aquela consolação. Aquele casal do Porto, pede, ainda, a Deus, o «eterno descanso da alma de nossos muito queridos Pais». Tudo nobre. Tudo piedoso. Uma associação completa que tem início entre os mortais e vai até ao seio do Pai Celeste. Imediatamente a seguir vai um Senhor que também é do Porto com outro tanto. Duas dúzias. Construíram-se duas formosas vivendas à beira da estrada com materiais de primeira. Entregaram-se a duas famílias pobres e depois disto fomos ao Porto dar a notícia a este senhor e ele mandou fazer entrega daquele dinheiro. Deixem-no passar, a ele e sua Esposa. Damos aqui a receita como genuína, porquanto temos conhecimento de alguns construtores de casas do Património, que se não atrevem a começar sem terem o dinheiro na gaveta. Ora isto pode resultar em obras doutra natureza, mas nós somos uma coisa diferente. Nós temos de ir bus-

car os precisos directamente ao seio de Deus pelos caminhos *impossíveis* da fé; portanto digo: nas paróquias, aonde existir a necessidade façam casas e façam dívidas. O resto vem por acréscimo. Continuando em maré cheia devemos declarar para que todos saibam que o pacote de ouro e brilhantes que um Senhor nos quiz deixar, rendeu 85.000\$00 tendo sido a maior parte (50.000\$00) produto de dois brilhantes. A *Casa dos Engenheiros* levou agora uma pancada de 500\$00. O assinante 1.481, de Lisboa, vai com 2.000\$00. A *Casa dos Médicos* recebeu uma ajuda de 50\$00 e a *Casa dos Combatentes* uma ajuda de três vezes mais. Abram fileiras. Dêem espaços a ver se recebemos mais ajudas para nomes tão qualificados. Mais 50\$00. Os quatro irmãos do costume tornam com a mensalidade de 200\$00. J. A. J. do Porto que está empenhado a construir a *Casa de S.ª Cruz* volta com 1.000\$00. O Pessoal da Hidro-Eléctrica do Cávado vai aqui com 2.011\$60 referentes ao mês de Setembro. Nota-se que o dinheiro foi colocado no banco no dia 2. Eles querem ter a notícia de uma família abrigada e parece que estão resolvidos a não ter paz enquanto eu lha não der. A seguir aos empregados da Hidro-Eléctrica, formam imediatamente os empregados do banco Lisboa & Açores com 7.791\$00 para a sua casa. Uns e outros são do Porto e são empregados.

Sim senhor: da Maria da Condição de Lisboa 200\$00.

nosso Lar fica situado na Rua Capitão Renato Baptista. Vi-me trinta por uma linha para dar com ele. Mas por fim sempre cheguei. Passei o resto do domingo em Lisboa. O Lar é pequeno, também são poucos rapazes. Almocei, depois fui até ao Estádio Nacional ver o desafio entre o Sporting e o Partizan da Jugoslávia. Bom jogo entre duas epuipas que sabem mexer na bola. O Partizan deu-nos uma lição de futebol... não há dúvida. Estavam mais jogados, pois já vão na segunda jornada do campeonato, e o nosso ainda não começou.

Acabado o jogo regressei ao Lar com grande dificuldade... Jantei e em seguida deitei-me. Dormi mal, e acordei até um pouco mal disposto. Mas o mal passou depressa com uma caneca de café.

É segunda feira. A manhã é passada no Lar e o almoço é em casa da mãe do Sr. Padre Carlos. Aquilo é que estava um almoço saboroso... Sopa muito bem feita, só o cheirinho consolava a gente. Depois o segundo prato de batatas, ovos, peixe, feijão-verde... uma delícia!... A sobremesa foi peras, uvas, etc. Terminado o almoço seguí para o Terreiro do Paço, acompanhado do primo do Sr. Padre Carlos. Ali tomei o barco para Cacilhas e daí seguí de camionete para Setúbal onde cheguei perto das 17 horas.

Estava na última etapa da minha viagem: Casa do Gaiato de Setúbal. Que grande casa está! Dir-se-ia que se estava num deserto. Uma quinta que bate a de Paço de Sousa, Tojal e Miranda com uma facilidade extraordinária.

CANDIDO PEREIRA

(Continua no próximo número)

A Voz do Atlântico

Continuação da primeira página

nou a telefonar-me, ardendo na ideia feliz de construir uma casa para os inocentes.

Se em vez de um senhor, fossem muitos conosco às casas dos Pobres... Quantas inquietações, quantas lágrimas, quantas boas obras.

A maioria dos homens fecha os olhos para não ver nem sentir inquietações. Logo que mude para a nova residência, passo por lá e levo os garotos comigo. Além da fome e da nudez, andam por ali muitas feridas nas almas.

Ontem, recebo uma carta de um recluso da nossa cadeia civil, que me fez estremecer:

«Escrevo-lho esta carta para lhe pedir pelo amor de DEUS que salve o meu filho.

Eu fiquei sem Pai nem Mãe aos 12 anos e não me quiz sugar aos meus parentes. O resultado foi ficar aos trambolhões por este mundo.

Casiei-me; nos primeiros 14 anos vivemos honestamente, mas tive a desgraça de ir morar junto com minha sogra e ela fez com minha mulher o que já tinha feito com as outras filhas. Levou-a para o caminho da perdição.

Deste desgraçado casamento há 3 filhos.

Duas filhas, graças a DEUS e à Virgem Santíssima, estão nas Filhas de Maria em S. Pedro.

O pequeno está a viver com a Mãe num ambiente depravado, onde a moral é desconhecida.

Se não houver uma alma caridosa que dirija este meu filho no princípio da sua vida o que vai ser dele?

Pelo amor de DEUS, salve-o

um abraço de parabéns te dedicamos esta pequenina lembrança, com desejos que seja por muitos anos e bons.

Viva o Tónio Bocage.

Viva.

Foram vivas e vivas e mais vivas, como diria o Pai Américo na sua pitoresca maneira de escrever. Foi-lhe oferecido uma prenda. Era uma caixa com doce. Começou a malta: O que será? O que será? Se calhar é coisa boa! Escusado será dizer que o Toninho também estava cheio de curiosidade. Tanto que abriu momentos depois a dita caixa.

Erasmus de facto uns bolos muito bons. O que ele ficou foi arrelampado por no meio destes, viram duas chupetas!!! A gargalhada foi geral; rimos a bom rir. Mas ele lá se desenrascou. Para o fim já metia a chupeta na boca. Depois foi levado a um triunfo pelo refeitorio adiante. A festa ainda continuava cá fora. Foi uma alegria. Ele ainda quis dizer duas palavrinhas de agradecimento, mas de tão comovido que estava, não as conseguiu articular...

—Os adeptos das pombas estão radiantes. Não admira. O caso não é para menos. O pombal que fica à beira das oficinas novas, já está pronto. E merecem parabéns pois está muito lindo. As pombas agora, ao verem-se numa casa tão linda, até vão «limpar» os prémios todos. Ponham-se a pau senhores columbófilos!!!

—Esteve na nossa cidadezinha mais uma vez, o grupo Excursionista: Os Amigos do Gaiato. Todos os anos cá vêm. Nunca faltam. Trazem muita gente, muita alegria, trazem o coração, do que lhes faz falta e deixam ficar.

Lá vão contentes para suas casas, depois de fazerem a sua «desobriga», pensando imediatamente em cá virem outra vez. São do Porto. Os tripeiros são assim. Não são para menos.

São os irmãos com que mais podemos contar. Eles assim no-lo dizem. Muito obrigado e a continuação de óptima saúde e henções do Céu, são os votos da família do Gaiato, que de maneira nenhuma vos pode esquecer.

—Os nossos sinceros agradecimentos aos apicultores: Sousa & Neves de Rio Mau—Penafiel, que graciosamente ofereceram os seus serviços para tratarem das nossas abelhas. Já cá estiveram a trabalhar e esperamos ter dentro de pouco tempo mais cortiços.

Daniel Borges da Silva

TOJAL O dia de Nossa Senhora da Assunção foi por nós solenemente festejado. Ouvimos missa cantada de manhã.

À tarde foram quase todos para o banho, para o rio, porque estava muito calor.

Conosco estiveram os do Lar. A primeira coisa que fizeram depois de saudar os superiores e a malta foi seguir direitinhos jogar a bola. Também não admira porque as mais vezes não lhe tocam. O Carlos e o Mário visitaram-nos também, o primeiro vem cá passar as suas férias. O Lar já não chega para os rapazes que lá estão. Faz-nos muita falta uma casa grande com quintal, e salas grandes para todos. Se alguém souber duma casa assim para arrendarmos ou que a queira dar, faz-nos um grande favor se nos avisasse.

Andamos com vontade de levar ao fim, a primeira casa das muitas que se hão-de fazer por nós.

Nós fazemos uma Cooperativa. Eu estou encarregado de apontar tudo que se gasta que é para me habituar a saber o que é preciso. O Oscar faz a Obra de carpintaria. Eu e o Hélio trabalhamos de pedreiro, e os pequenitos dão-nos serventia. Esperamos já estar aptos a fazer outra logo que esta esteja concluída. Por enquanto precisamos dum mestre que é o Senhor Rufino, o pedreiro mais antigo da casa que nos orienta e dá ânimo.

Neste mesmo dia alguns dos nossos cantores foram até à outra baía do Tejo a Amora cantar numa festa que lá havia. Veio cá buscá-los o Sr. P. Paula que continua sendo muito nosso amigo desde que aqui esteve Vieram com a barriguinha cheia e trouxeram muitas roupas. Lá andaram de barco e espalharam se pelas casa que lhe deram de comer. Hoje não falamos noutra coisa senão no arroz de galinha, que lá petiscaram.

A malta anda alvoroçada com uma máquina de cinema que a casa Alvarez nos ofereceu. Não se fala noutra coisa. Agora sim vamos ter programas duas ou três vezes por mês, graças ao nosso grande amigo Sr. Alvarez.

Por falarmos em cinema, nós os maiores fomos já ver o novo documentário da Obra da Rua que o S. N. I mandou fazer à Ulisseia Filmes. É pequenino mas está muito engraçado. Os senhores quando souberem que ele está nos cinemas vão ver que vale a pena.

para ele não se tornar um desgraçado como o pai.

Sou este desgraçado que lhe ficará infinitamente reconhecido.»

Quem não há-de apaixonar-se? Quem não há-de ensanguentar os pés atrás dos filhos da rua? Quem não há-de?

Amadureceram já os figos que com o seu pingote de mel, são a delícia da malta; temos comido à merenda até não querer mais. O Doutor estava radiante por estar a apanhar figos, mas não deu conta que uma perna de estava a esgalhar, de maneira que quando deu por isso caiu no abismo e teve foi sorte pois não passou do chão...

João de Deus M. Rocha de Anst

CRÓNICA DA ERICEIRA

Caros leitores, escrevo-vos da colónia de férias de S. Julião da Ericeira

Temos tido cá algumas visitantes. Uns perque querem ver as nossas barracas, outros vêm de propósito para ver a capela, que é um monumento de ano de 1769. No interior da capela, nas paredes de cima abaixo é tudo cheio de azulejos, mostrando-nos a vida de S. Julião.

Num destes dias veio aqui um grupo de visitas, que vinham da praia, uns em camisola interior outros em pleno fato de banho, iam assim entrar na capela, o que valeu foi o cicerone que lhes disse que não se podia assim entrar na capela, por que estava lá o Santíssimo. Só depois de se vestirem é que entraram e viram a vida de S. Julião, desde a infância à morte.

As nossas barracas ficam aqui ao lado da colónia do Sr. Dr. Mário Madeira. Como o penúltimo turno se ia retirar dando lugar a outro, as meninas da J. U. C. dirigentes, fizeram uma festa de despedida, que constou de várias canções e pequeninas peças de teatro. Foi nos também colaborámos na festa. Cantámos o que sabemos, que foi: Guin-gan-gule, Mariana das sete saias, os Batatinhas e o Martinho e Mariana pequena peça de ópera.

Estamos a ver a maneira de melhorar as nossas barracas, pois que por dentro estão melhores mas, mas por fora é que estão a ir abaixo. Se nós tivéssemos tintas, isso é que nos convinha pintávamos as barracas e assim duravam mais uns tempos.

Fora disso vão-se abataxo. É pena! Mas os nossos amigos das Fábricas de tintas de Robalac, Dyrupp, Atlantic e Fábrica Lusitânica de Tintas e Vernizes, mandam-nos umas amostras, para assim as nossas barracas durarem mais um tempo.

Pois muito grato ficamos, se assim obtivermos este pedido.

A capela precisa de ser restaurada devido ao valor dos azulejos que ameaçam ruína e da sua antiguidade.

Joaquim A. Gouveia Márquez

AS MINHAS FÉRIAS

Em primeiro lugar cumpre-me cumprimentar respeitosamente todos os nossos amigos leitores e desejar boas férias aqueles que até agora ficaram como eu. Vim para aqui no dia 1 de Agosto e mantive-me cá até ao dia 31.

Quando cheguei a Paço de Sousa o Senhor Padre Carlos deixou-me andar os primeiros dias no borge, depois marcou-me este horário: levantar às 8 h. menos 15 e comer às 8 h.; no fim disto ir passear até à mata para descansar e tomar ar fresco. Voltava ao meio dia para ir almoçar, no fim disto tinha 1 hora para descansar, e depois ia então para o trabalho, que era o meu antigo ofício de ferreiro. Já muitas saudades tinha desta arte, embora ainda me encontrasse tão bem como a tinha deixado em S. João da Madeira, terra esta onde inicii esta especialidade e aonde me adaptei maravilhosamente, até à altura que o Pai Américo me chamou para o meu actual emprego, Laboratório Delta.

Devo porém dizer que com a diferença que leva de um ao outro trabalho me começaram a nascer calos nas mãos, e o Pai Américo andava-me sempre a pedir para lhas mostrar.

Apanhei aqui o Retiro que nós fomos passar a Singeverga, e no qual eu fui incorporado juntamente com os meus bons irmãos de Paço de Sousa que são uns grandes camaradas acima de tudo. Passamos ali dois dias e meio.

O tempo foi pouco, mas para mim chegou para que a minha consciência fosse tocada e eu prometi a Deus que para o futuro hei-de ser cada vez mais bem comportado espiritualmente e humanamente.

Agora vou regressar ao meu actual serviço o qual já sinto saudades, assim como dos meus colegas do Lar do Porto. E assim passei o meu 2.º mês de férias. Cumprimentos para todos os gaiatos

João Luctano (Buarque)

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA

ISTO É A CASA DO GAIATO PELAS CASAS DO GAIATO

*** Como fora antes anunciado, realizaram-se no dia 5 de Setembro, na capela da aldeia, os casamentos dos gaiatos António Teles e Manuel Pinto. Por notí-



Manuel Pinto mat-la Maria Alice

cias aqui dadas e pelas que hoje aparecem no crónista Daniel, todos sabem quem são, o que eram e para onde vão os casados. Hoje, quero apenas referir-me ao que estes actos oferecem de rico e de belo aos obreiros que se ocupam em colocar rapazes no caminho da vida. É necessário que Deus lhes dilate o coração para eles serem capazes de suportar as alegrias de pai e mãe, pois que o António e o Manuel, são orfãos dos dois.

Outro ponto que desejo destacar, é o que isto tem de apologético. Esta é a pregação mais viva do sistema e normas de uma obra de rapazes da rua. O casamento. Um salário familiar. Casa de habitação com seu quintal. Trabalho garantido. Que outros prometam mais, é possível. Que façam melhor, não.

*** ZÉ Eduardo não me larga. Hoje com 22 anos e um bom emprego, eram horas de me deixar, mas não senhor. Não deixa. Ontem apareceu-me em Paço de Sousa, fora do dia e fora de horas. Mal o vejo disse logo *ai! ai!*

Zé Eduardo pretende casar-se e não sei porquê, olha mais para mim do que para a noiva. Volta e meia af está ele; *quando?*

Pergunta se pode comprar uma mobília de sala de jantar a uma família de partida para a África. Uma pechincha, no seu dizer. Quatro magníficas peças de castanho, entre as quais uma cristaleira. Uma cristaleira! O Zé Eduardo conta ter cristais no seu futuro lar! No meu tempo era um loiceiro, mas ele não. Uma cristaleira!

*** Eis a notícia de casamento do antigo Zé da Lenha, hoje José Fernandes da Conceição. É o terceiro deste mês:

«É com grande alegria que lhe escrevo estas poucas palavras».

Desejo que o seu repouso seja bom, são os votos sinceros deste seu filho. Por cá ando contente, porque o meu grande dia está a aproximar-se, é já no próximo dia

25 do corrente que eu me vou casar. Quero informá-lo de que os meus padrinhos, são: o Senhor Albino e a Senhora D. Ana.

Agora queria que o Pai Américo me viesse casar.

É esta a minha grande vontade e de todos que me são queridos.

Peço-lhe do fundo do coração, para me vir casar.

Gostava imenso receber as bênçãos do Altíssimo, por seu intermédio. Não deixe de me fazer a vontade, pois se não vier para mim é uma grande tristeza.

Quero pedir-lhe, se puder, se me pode dar uma resposta.

Por hoje fico por aqui, faço sinceros votos, para continuar e bem um belo repouso, de que é merecedor. Não havia de ser um mês, pois isso não chega, para os martírios que durante todo o ano passa por nossa causa. Havia de ser muitos mais.

Desejo que se encontre de saúde, são estes os meus desejos. Peço-lhe para me enviar uma resposta, pois a minha morada, vai no remetente.

Este seu querido filho, José Fernando da Conceição (ex Zé da Lenha.)

*** O quarto, deve ser em Coimbra. É o Albino. Assim como o José Fernandes, a Paço de Sousa, também o Albino chegou a Miranda com meia dúzia de anos. Estes rapazes são para nós um livro de muitas folhas; cada dia é uma e em cada uma escrevem diferente, indo assim pela vida fora até à idade do casamento. Recordo aqui a primeira carta de namoro do Albino. Tinha ele 14 anos e a namorada devia ter outros tantos. Num bocado de papel de embrulho que me veio ter às mãos, dirigido a sua amada, lia-se: *Rosa, tu és a moça mais linda do nosso Portugal.*

*** Agora o que não está certo, mesmo nada certo, é um nome de Casa do Gaiato que anda pela cidade da Guarda e um nome de Obra da Rua que anda por Benguela. Achava mais bonito que fizessem tanto ou melhor, mas com outro nome. Com o seu nome.

*** O Carlos Correia Gomes foi nosso, até que um seu tio o veio um dia buscar e hoje escreve do Rio de Janeiro:

«Pai Américo antes de tudo eu estimo muito que ao receber esta minha cartas vá encontrar de perfeita e feliz saúde junto de todos os inesquecíveis amigos gaiatos.

Pai Américo eu venho por este meio de carta porque eu estou longe, pedir se eu poderia colocar um irmão meu af na Casa do Gaiato, um irmão que vive junto da minha Mãe. Vivem na miséria, e além disso ele está com sete anos, e ele já fica noites fora de casa, pois ele foge de casa sem a mãe ver isso, e aparece ao outro dia. Eu estou muito longe, não posso tomar providências disso. Eu agradecia muito mas muito porque a minha Mãe não teve sorte no mundo. Está na miséria por isso era uma grande esmola de Caridade se for possível metê-lo junto dos meus inesquecíveis colegas que me conheceram 4 anos que vivi junto deles.

Pai Américo se for possível metê-lo af, poderia-me escrever

SETÚBAL Amigos leitores, escrevo pela primeira vez um artigo para o nosso jornal. Não sei ver se está bem ou mal, mas se estiver mal, conto que me desculpem.

Vou falar-lhes na casa de Setúbal, que é muito grande, como vistes pela maquete que o nosso jornal já publicou. Está situada numa quinta, que será cultivada, por nós os gaiatos. Temos bois para o trabalho, vacas de leite, porcos, galinhas, etc.

Tudo isto foi dado o, e portanto não somos pobres de todo, graças a Deus, mas somos ainda pobres e fracos, pois somos muito novos. A nossa gente é constituída por rapazes, que vieram das outras casas para a fundação desta, e a maior parte ainda são crianças; o mais velho sou eu. Por isto necessitamos da vossa mão carinhosa, para nos ajudar a enfrentar sem desânimo tantas dificuldades.

Quem dera que para o futuro, o correio, traga muitas cartas, umas com donativos grandes ou pequenos, conforme as vossas posses, outras com palavras de coragem e carinho. Necessitamos de tudo isso, e necessitamos também das vossas orações.

—Nortenbos, o campeonato nacional de futebol, começa no dia 18. Quando por esse motivo vierdes até Setúbal, não deixeis de nos visitar. A nossa casa fica próximo da cidade e as estradas são boas.

—A vida na nossa casa segue como em todas as outras. Hoje somos 23; dentro em breve seremos muitos, pois a casa pode receber 100 rapazes. A obra caminha a passos de gigante; já estamos no sul, e se Deus quiser há-de estender-se até ao Algarve. E assim deve ser, pois onde houver rapazes necessitados aí estaremos nós. Sou rapaz e desejo que todos os meus irmãos abandonados, encontrem a salvação, assim como eu.

para mim, que eu mando af levá-lo. Pai Américo com isto termino a minha carta com muitas saudações para todos.»

O rapaz pretende dar ao irmão o bem que recebeu no meio dos seus colegas. Conhece por experiência a sua situação. Importa-se. Quere vê-lo um homem. Todos os pontos da nossa Obra são objectivos e criadores. Aqui não há teorias.

*** «Há dias fui jantar a um restaurante muito decente desta cidade, perto dum Liceu e duma Escola Técnica.

Sentados a uma mesa estavam dois rapazes de 12 e 14 anos modestamente vestidos, cujas maneiras finas denotavam ser estudantes de ensino secundário, de famílias modestas, mas educadas. Como me é agradável estar com companhia quando tomo as minhas refeições, pedi licença e sentei-me junto deles. Momentos depois perguntei-lhes qual o estabelecimento de Ensino que frequentavam e foi grande a minha surpresa quando me disseram que eram «gaiatos» do P.º Américo acidentalmente no Porto em serviço da venda do «Gaiato» e que uma alma bondosa, por lhes notar as suas boas maneiras, lhes oferecera o jantar naquela casa. Conversei com os rapazes durante a refeição; constatei com alegria que V. a par do pão que dá aos seus gaiatos, lhe ministra uma sólida educação de forma a confundirem-se com rapazes educados.

Lembrei-me de lhe comunicar este meu agradável engano. O seu coração há-de sentir-se contente e há de rir quando tiver conhecimento da partida que me fizeram os seus pequenos «ardinas» fazendo que os confundisse, mercê da sua compostura à mesa, com meninos nascidos no seio de gente dalgo.

Que Deus lhe dê saúde e vida muito longa, para poder criar uma escola que continue a obra de tão grande projecção, é o que do coração lhe deseja o que se confessa com a maior consideração».

Setúbal, prince sa do Sado como te havere conosco? Contamo s com o teu carinho e apoio

Eduardo de Jesus

PAÇO DE SOUSA Como tínhamos anunciado no último número, realizaram-se os casamentos do António Teles, que segue viagem para o Luabo, onde trabalha na Sena Sugar Estates e do Manuel Pinto, do escritório da nossa Tipografia. A cerimónia religiosa realizou-se às dez horas. Foi o Pai Américo que teve a felicidade de unir eternamente, estes dois irmãos às suas esposas. A vontade do Senhor cumpre-se: cresci e multipliquei-vos e enchei a face da terra.

Que pela vida fora vivam como Ele manda, para assim ganharem o direito àquilo para que nós fomos criados: o Céu. Que não esqueçam mais este dia 5 de Setembro, em que deram um dos maiores passos desta vida, pois o casamento é um dever sagrado para todos aqueles que se sentem possuídos dessa vocação.



António Teles mat-la Maria Luísa

Estes querem dizer que a Casa do Gaiato, a sua doutrina que é a do Mestre, se multiplica, para bem de Portugal, do mundo e mais glória e honra do Todo Poderoso. Parabéns e muitas felicidades é o que nós ardentemente desejamos.

No próximo mês, no dia 2, vai o Amadeu Mendes, que também está em África. É um rapaz muito simpático, muito alegre, cheio de espírito. Senão, vejamos: *A vida é bela! A vida é um ovo estrelado!* E então isto dito por ele!

Vão também consorciar-se os antigos colegas: Zé da Lenha e o Albino. Parabéns e que o manto da Mãe não vos falte. E não falta. Assim vocês o quiseram.

—No domingo 4, o nosso time de futebol deslocou-se à cidade de Penafiel, onde defrontou no estádio Municipal, um misto do Futebol Clube de Penafiel. Vencemos com inteiro merecimento por 3-2, com dois-zero ao intervalo favorável ao nosso grupo. A primeira parte foi bem disputada. Na segunda o nosso adversário começou a endurecer o jogo, com entradas à margem das leis, prejudicando o nosso grupo. Na parte em que se jogou, foi de franco domínio do nosso grupo, que só não aumentou a contagem por manifesta falta de sorte. Neste capítulo pecou o Rui, que estava infeliz no remate. Além disso o nosso grupo acusou falta de contacto com a bola, o que originava a haverem muitas jogadas confusas, sem acabamento.

A nossa equipa alinhou com os jogadores: Trofa, Quim, Augusto e Luís de Carvalho; Nicolau e Rocha; Abel, Alcino, Rui, Oscar e Daniel Silva. Vamos a ver se para outra vez apresentamos o nosso conjunto mais afinado e com mais pontaria!

—Na segunda-feira 5, fez anos o António Bocage, o chefe dos da erva. Foram 25, as primeiras feitas. Ao jantar, o Machado subiu acima duma pianha e diste em seu louvor:

«Caríssimo Tónio Bocage
Senhor P.º Carlos
Meus senhores
Caros colegas

Fazer anos nesta segunda-feira isso sim, porque ao domingo não era melhor. Fazer hoje um quarto de século «25 invernos». Durante este tempo todo como te tornaste célebre que mereceste herdar o nome do conhecidíssimo poeta de Setúbal, «Bocage». Quer agarrado à enxada, quer aos muros, à macelara, és um elemento precioso nestas casas. Pequeno de estatura mas grande de alma és o tipo mais célebre do nosso Portugal. Agora juntamente com

(Continua da terceira página)